

**A psicanálise latino-americana diante dos fenômenos  
sócio-políticos e o mal-estar na cultura**

*Mario Pablo Fuks*

**RESUMO:** Qual é a posição da psicanálise hoje diante do contexto histórico e as angústias do mundo contemporâneo? Será que a herança freudiana em atribuir à psicanálise um potencial teórico capaz de analisar e compreender os grandes conflitos da humanidade não foi sustentada? Desde os anos 70, a produção da psicanálise latino-americana de trabalhos voltados para o social e o político foi e continua sendo importante. A dupla existência da psicanálise, como *prática privada* e aquela que se manifesta no *domínio público* em relação às questões institucionais e político-sociais, pode ser processada de maneira cindente e anuladora ou de forma criativa e enriquecedora, seguindo o exemplo de Freud. Resposta a um debate promovido por *Percurso*, revista de psicanálise de São Paulo.

Palavras-chave: mal-estar; subjetividade; produção teórica; América Latina.

**RESUMEN:** Cuál es la posición del psicoanálisis hoy frente al contexto histórico y a las angustias del mundo contemporáneo? La herencia freudiana que le atribuye al psicoanálisis un potencial teórico capaz de analizar y comprender los grandes conflictos de la humanidad ha sido sustentada? Desde los años setenta en adelante, la producción del psicoanálisis latinoamericano de trabajos dedicados a lo social y lo político ha sido y continua siendo importante. La doble existencia del psicoanálisis, como *práctica privada* y aquella que se manifiesta en el *dominio público* en el plano de lo institucional y frente a lo político-social, puede ser procesada de manera disociada y anuladora o de forma creativa y enriquecedora, siguiendo el ejemplo de Freud. Respuesta a un debate promovido por *Percurso*, revista de psicoanálisis de San Pablo.

Palabras-clave: malestar; subjetividad; producción teórica; Latinoamérica.

**A psicanálise latino-americana diante dos fenômenos  
sócio-políticos e o mal-estar na cultura**

*Mario Pablo Fuks*

No início de 2005, com o título “**Psicanálise e Cultura: uma Herança Freudiana?**” a revista *Percurso*<sup>1</sup> promoveu um debate destinado a interrogar a posição do psicanalista contemporâneo diante das implicações das transformações históricas e sociais na constituição da subjetividade, convidando a psicanalistas que têm se interessado em

pensar as relações entre o coletivo e o individual, o sujeito e sua inserção política social, para responder à seguinte questão:

*Na busca de compreender os enigmas do psiquismo humano, Freud demonstrou interesse e preocupação em relacionar o funcionamento psíquico do sujeito com os grandes eventos da humanidade. Seu empenho pode ser constatado em vários artigos. No apêndice de "Reflexões de atualidade sobre a guerra e a morte" (1915), a carta a Frederik van Eeden (1914) revela, em poucas linhas, o esforço de Freud em demonstrar como as categorias conceituais formuladas pela psicanálise podem explicar as crueldades e as injustiças cometidas pelas nações mais civilizadas. No livro "Psicologia das massas e análise do eu" (1921), afirma que na vida anímica do indivíduo as relações com os outros (família, sociedade etc.) aparecem "com total regularidade", portanto a psicologia individual é simultaneamente psicologia social.*

*Diante da obra fundadora, a psicanálise contemporânea arca com a crítica recorrente de restringir sua produção teórica ao campo da clínica individual e de não oferecer hipóteses que contribuam no debate e na análise das questões macro-estruturais.*

*Sérgio Paulo Rouanet, por exemplo, em entrevista concedida à Revista Percurso no. 34, sugere que apesar da ampla produção teórica da psicanálise contemporânea, são poucos os trabalhos psicanalíticos voltados à compreensão dos fenômenos sócio-políticos e do mal-estar na cultura de nossos tempos.*

*Será que a psicanálise efetivamente se encontra hoje dissociada do contexto histórico e das angústias do mundo contemporâneo? Será que a herança freudiana em atribuir à psicanálise um potencial teórico capaz de analisar e compreender os grandes conflitos da humanidade não foi sustentada?*

*De seu ponto de vista, a produção psicanalítica pós-freudiana contribui para a compreensão dos grandes problemas do nosso tempo relacionados com o imperialismo, o terrorismo, os fundamentalismos ou a última palavra ainda pertence a Freud mesmo que ele não tenha presenciado as mesmas atrocidades que nos atingem?*

---

<sup>1</sup> "Psicanálise e cultura: uma herança freudiana?", Chaim Samuel Katz, Charles Melman, Catarina Koltai, Mario Pablo Fuks. *Percurso*, Ano XV, Nº 34, 1º semestre de 2005.

O que segue a continuação e minha resposta, publicada na seção Debate do número 34 da revista *Percurso* (1o. semestre de 2005). Os outros colegas convidados a responder foram Catarina Koltai, Chaim Katz e Charles Melman.

### **Resposta :**

A idéia de Sérgio Rouanet de que, apesar da ampla produção teórica da psicanálise contemporânea, são poucos os trabalhos psicanalíticos voltados à compreensão dos fenômenos sócio-políticos e do mal-estar na cultura de nossos tempos é no mínimo surpreendente no que se refere ao movimento psicanalítico na América Latina. Surpreende sobretudo por ser Rouanet não somente um conhecedor destacado da psicanálise, mas também um intelectual latino-americano. Se, por um lado, a afirmação reforça o chamado realizado por René Major na convocatória à constituição dos Estados Gerais no final dos anos 90, chama a atenção que não mencione a quantidade de trabalhos sobre esses temas que foram apresentados tanto no encontro de 2003, no Rio de Janeiro<sup>2</sup>, como no de Paris, em 2000, e nos três encontros latino-americanos realizados sucessivamente em São Paulo e Buenos Aires<sup>3</sup>.

A partir dos anos 70, muitos analistas da América Latina questionaram a profissionalização acrítica presente em suas instituições e sua omissão em questões sociais e políticas, conduzindo a rupturas e re-posicionamentos<sup>4</sup>. Esse movimento ganhou visibilidade na Argentina e Uruguai e, num segundo tempo, no Brasil. Foi a partir desse momento que os escritos de Freud sobre sociedade e cultura começaram a sair verdadeiramente de seu reduto nas estantes, e ganharam potência nova como instrumentos de análise da realidade social e política em suas dimensões individuais e coletivas. Resgatou-se uma perspectiva do social como totalidade e da história como processo, explorando suas afinidades com as concepções marxistas e apostando na contribuição da psicanálise para uma teoria da ideologia. Podemos destacar, nessa perspectiva, os trabalhos

---

<sup>2</sup> Ressalto o excelente trabalho de Betty Fuks, mencionado na conferência ministrada por Rouanet no 2º. Encontro Mundial Rio/2003, e que pode ser localizado no site e tem sido reproduzido recentemente no boletim da Pulsional.

<sup>3</sup> ver site [www.estadosgerais.org](http://www.estadosgerais.org).

J. Bleger, M. Langer, L. Rozitchner e de outros analistas dos grupos Plataforma e Documento. Também houve trabalhos sobre ideologia na linha lacaniano-althusseriana.

No longo período de governos militares, os analistas tiveram a experiência da violência ditatorial e do terrorismo de estado, a cultura do medo e o exílio externo e interno e, quando puderam, escreveram sobre isso. Exploraram em todas suas dimensões as relações dos sujeitos com o poder, a alienação, o desamparo e a crueldade presente nessas situações sociais de alto impacto traumático, mas aplicáveis também a outros contextos. M. Viñar, J. Freire Costa, Gilou García Reinoso e Hélio Pellegrino<sup>5</sup>, entre outros, demonstraram como a perda de vínculos, a deterioração e a quebra do sistema de ideais, bem como o fim de projetos coletivos, impõem uma subjetividade fragilizada, quadros de verdadeira "demolição" da identidade e uma cultura de violência e medo, entre outros efeitos. Essa linha de trabalhos apresenta uma evidente continuidade do espírito da intervenção e combate no campo político, cultural e social que caracterizou o trabalho de Freud. Há neles um empenho forte e determinado em incluir a dimensão clínica, construir elementos conceituais que re-signifiquem e ampliem, ao mesmo tempo, a totalidade do campo psicanalítico. A edição 7 de *Percurso* (1991), dedicada à questão da violência, mostra uma série de trabalhos de autores brasileiros e argentinos que se inscrevem nesse perfil. No final desse período, ainda, surgiram alguns trabalhos de fôlego que permitem uma apreensão histórica e panorâmica do pensamento psicanalítico sobre a sociedade e a cultura como os de os de R. Mezan e J. Birman no Brasil e E. Galende na Argentina.

Em relação ao tema da "cultura de guerra", o trabalho de Hanna Segal "O silêncio é o crime verdadeiro" (Imago, 1985) ocupa um lugar muito especial, por sua aguçada análise, utilizando conceitos freudianos e kleinianos, das ilusões narcisistas, onipotentes e mortíferas, e dos mecanismos inconscientes arcaicos que entram em jogo nas situações

---

<sup>4</sup> Ocupei-me recentemente dessa questão na mesa de abertura do Encontro do Rio. Ver em: [http://www.estadosgerais.org/mundial\\_rj/port/cb\\_m\\_fuks.htm](http://www.estadosgerais.org/mundial_rj/port/cb_m_fuks.htm)

<sup>5</sup> VIÑAR, M. e M. *Exílio e tortura*. São Paulo. Ed. Escuta. 1992.

COSTA, J.F. *Violência e psicanálise*. Rio de Janeiro. Graal/Paz e Terra. \_\_\_ "Narcisismo em tempos sombrios", in BIRMAN, Joel (org.) *Percurso na história da psicanálise*. Rio de Janeiro. Taurus. 1988. \_\_\_ "Psicanálise e moral". São Paulo. EDUC. 1989.

GARCIA REINOSO, G. "Violencia y agresión o bien violencia y represión?", in *Cuestionamos*, Buenos Aires, Granica. 1971. \_\_\_ *Le psychanaliste sous le terreur*. Paris. Ed. Matrice, 1971. Reeditado sob o título de "Matar la muerte", in *Psyché* n. 1, Buenos Aires, 1986.

PELLEGRINO, H. "Pacte oedipian et pacte social" in *Le psychanaliste sous le terreur*. Vignieux Matrice. 1988. \_\_\_ "Os incêndios do nada". Folha de S. Paulo. 10/9/1986.

bélicas contemporâneas. Acompanhando-se de profusa documentação, demonstra sua presença nos discursos e práticas vigentes nas cúpulas governamentais e militares, tanto na intervenção no Vietnam, como nos preparativos para o confronto nuclear durante a Guerra Fria. Essas informações e análises permitem antever, já desde o período Reagan, os traços característicos e a importância numérica dos grupos de extrema direita e ideologia religiosa fundamentalista que ganharam poder e notoriedade no governo Bush. O título do trabalho aludia também ao silêncio da comunidade analítica, em sua maioria, fora da Alemanha, “quando o fenômeno nazi nos olhou diretamente na cara”. O livro de Chaim Katz sobre “Psicanálise e Nazismo” aporta muitos elementos para o conhecimento e a elaboração dessa última questão.

Nos últimos anos, a produção teórica tem recaído, em sua maior parte, sobre os estudos a respeito de subjetividade e contemporaneidade. Em muitos trabalhos, as chamadas patologias contemporâneas são tomadas como sintoma analisador das macroestruturas sociais dominantes. É raro hoje em dia encontrar algum trabalho psicanalítico sobre patologias contemporâneas que não lance mão do conceito de “sintoma social”, e que não parta do conceito freudiano de *mal-estar* para estabelecer relações entre câmbios sociais, configuração cultural e sofrimento psíquico<sup>6</sup>.

Freqüentemente, a ênfase é colocada sobre os efeitos da globalização neoliberal, aprofundando a destruição traumática de laços e referências simbólicas - anteriormente apontados - e promovendo uma individualidade narcísica adicta ao consumo, à exaltação egóica do espetáculo e ao fetichismo tecnológico como mecanismo de recusa do sofrimento<sup>7</sup>. Tem sido destacado o papel ideológico e a profunda incidência na vida das pessoas do avanço estratégico do biopoder.

---

<sup>6</sup> São importantes, a respeito, os trabalhos de J. Birman, C. Calligaris, Ch. Katz, M.R.Kehl, E. Losicer, S. Bleichmar, J.C. Volnovich, e muitos outros, as pesquisas e publicações dos núcleos psicanalíticos das pós-graduações da PUC e USP, nos congressos e publicações em torno à Psicopatologia Fundamental, assim como a produção dos diversos grupos que articulam a psicanálise com o pensamento de Deleuze, Guattari, Castoriadis, Michel Foucault, Derrida, Agamben e outros.

<sup>7</sup> FUKS, M.P. "Questões teóricas na psicopatologia contemporânea", In: Fuks, L.B. & Ferraz, F.C. (orgs.). *A clínica conta histórias*. São Paulo: Escuta, 2000. \_\_\_\_\_ "Nos domínios das neuroses narcísicas e em suas proximidades", In: Fuks, L.B. & Ferraz, F.C. (orgs.). *Desafios para a psicanálise contemporânea*. São Paulo: Escuta, 2003. \_\_\_\_\_ "O sofrimento e a contemporaneidade", V Congresso Brasileiro de Psicopatologia Fundamental, Campinas, Set/2000

Apagadas as marcas identitárias, esvaída a temporalidade e a elaboração historizante, perturbados ou bloqueados os processos intersubjetivos de reconhecimento e reciprocidade, a alteridade tende a eclipsar-se comprometendo o sentido de realidade e de existência. Algumas das conseqüências são a exacerbação da intolerância em relação às diferenças, o agrupamento massificante entre idênticos, a adesão a certezas dogmáticas e maniqueístas e a agressividade dos confrontos especulares, que podem corresponder à ativação de um laço e mecanismo paranóico de escoamento da tensão narcísica e à obtenção de um sentimento de consistência ontológica. Esses traços podem ser reconhecidos como sintoma tanto no âmbito das formações coletivas e dos acontecimentos sócio-políticos como em diversos quadros que se fazem presentes na clínica. Podem ser reconhecidos e explicados, com a condição de admitir e afirmar sua complexidade, sua historicidade e a necessidade de contar com outras referências, evitando assim as armadilhas do reducionismo.

Ocupar-se de questões clínicas ou micro-políticas não significa, assim, a elisão de um pensamento mais abrangente, macro-estrutural. Ao contrário, pode ser um caminho de aproximação ao pensamento sociológico e filosófico contemporâneo, que faz delas um objeto importante de reflexão. Nesse âmbito desenvolve-se, também, um debate que tenta superar os impasses do pós-modernismo, e que pode ter importância para reencontrar, na psicanálise e também nas práticas sociais e políticas contemporâneas, a dimensão utópica - “no bom sentido”- de que fala Rouanet.

A produção da psicanálise latino-americana de trabalhos voltados para o social e o político foi e continua sendo importante. Tal vez o contraste entre esta produtividade e o aparente desconhecimento de que ela parece ser objeto, também coloca uma questão e um desafio para a psicanálise. Por que essa produção não se expande e ganha reconhecimento público maior? As resistências externas que foram extensamente analisadas por Rouanet na sua conferência desempenham sem dúvida um papel importante. Mas também operam as resistências interiores apontadas por ele, dentro do próprio movimento psicanalítico. Essas resistências estão distribuídas de forma desigual em toda a extensão do campo psicanalítico institucional, em função das opções assumidas, dos caminhos percorridos individual e coletivamente e dos projetos em que se envolveram. Há uma problemática derivada do duplo modo de existência da psicanálise: a de *prática singular e privada*, e aquela outra

em que a psicanálise se manifesta no *domínio público* através da teoria, de suas instituições e na relação com o social e com o político<sup>8</sup>. Essa duplicidade pode ser encarada de forma cindente e anuladora, ou ser processada de forma criativa e enriquecedora, seguindo o exemplo de Freud. Entretanto, a fragmentação dentro do próprio movimento por sectarismos de escola e disputas de mercado, as dificuldades para assumir sua historicidade<sup>9</sup> e as tendências à retração e ao isolamento - mecanismos privilegiados de subjugação – podem fazer obstáculo não somente para a produção, mas também para seu reconhecimento quando ela se realiza, e vir a enfraquecer sua manifestação e sua presença no espaço público mais amplo e compartilhado.

Mario Pablo Fuks    Rua Marquês de Itu 837, 6º andar cj 62, São Paulo - CEP 01223-001  
Tel: 3259-0922                      e-mail : mfuks@uol.com.br

---

<sup>8</sup> Ver na Convocatória dos EG 2000 [http://www.estadosgerais.org/historia/temas\\_propostos-portugues.shtml](http://www.estadosgerais.org/historia/temas_propostos-portugues.shtml) : As instituições analíticas, tema 3.

<sup>9</sup> Fuks, M.P. “Psicanálise: o futuro de uma des-ilusão” *Anuário Brasileiro de Psicoanálisis*. No. 3. Relume-Dumará, Rio de Janeiro. 1995.